
IDENTIDADE E MEMÓRIA EM *OS DESVALIDOS*, DE FRANCISCO DANTAS

Maria Luzia Oliveira Andrade¹

RESUMO

A relação Identidade e Memória em *Os desvalidos* (1996), terceiro romance da autoria do sergipano Francisco Dantas, está presente do título da obra às entrelinhas deste texto de ficção. A narrativa está dividida em dois planos: um objetivo, o outro subjetivo. No plano objetivo, nota-se o resgate da cultura popular, mediante a retomada da tradição oral do cordel e da história do cangaço, na lendária figura de Lampião, cangaceiro que aterrorizou o Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. Nesse eixo discursivo, a questão da Identidade, surge, de imediato, através da existência do que Roberto Da Matta (1991) chama de dois Brasis: um oficial, legitimado, o outro excluído, esquecido. Ainda nesse primeiro plano da obra, os fatos do passado são expostos através das lembranças de Coriolano. As lembranças correspondem ao que Éclea Bosi (2007) denomina de percepção pura das coisas; noutras palavras, é o resgate consciente de uma realidade objetiva, na qual se inserem os coronéis, os bandidos e o povo abandonado, esquecido e desvalido do sertão sergipano. No plano subjetivo da obra, nota-se a relevância do que Éclea Bosi intitula de Memória, ou seja, a percepção concreta e complexa das coisas, que deixaram marcas subjetivas no indivíduo. A memória possibilita que o passado torne-se presente e o indivíduo elabore, para si próprio, a significação das coisas passadas. A saber, os dois eixos discursivos da obra estabelecem uma relação entre um fato real e objetivo marcado pela presença de um personagem histórico e um fato fictício e subjetivo, em que um indivíduo é o depositário de toda uma herança de traumas, oriundos da situação de pobre coitado desvalido. Ressalta-se, enfim, na obra, o “modo de recordação” e a “matéria de recordação”; neste, surge o fato lembrado, a exemplo do cangaço de Lampião; naquele, surge o modo como se lembram os fatos, a exemplo do complexo, do recalque do personagem do Rio das Paridas espaço emblemático sempre presente nas narrativas de Francisco Dantas. *Os desvalidos*, uma prosa que recupera a tradição do cordel em sua musicalidade e ritmo, oferece, ao leitor contemporâneo, um espaço onírico que há muito tempo estava perdido no recôndito lugar das lembranças dos mais velhos.

O romance *Os desvalidos* (1996), o segundo da autoria de Francisco Dantas, constitui-se no resgate da cultura popular, mediante a retomada dos valores da tradição oral. Tal retomada acontece a partir da relação identidade e memória presente nos dois planos que constituem essa narrativa: um objetivo e outro subjetivo.

¹ Especialista em Literatura Brasileira. Pesquisadora cadastrada no CNPq, no Grupo de Pesquisa GEPIADDE, da UFS, na linha Memória e Identidade.

O plano objetivo é responsável tanto pela construção da identidade interiorana dos sergipanos, na época do cangaço, quanto pela existência do que Roberto Da Matta (1991) denomina de “dois Brasis”: um oficial, legitimado, o outro excluído, esquecido. Nesse plano, surgem as lembranças como o resgate de uma realidade objetiva e a configuração de um imaginário social coletivo, fruto das duras experiências de uma comunidade.

O plano subjetivo da obra confere uma significativa importância tanto à memória quanto ao consequente estabelecimento das individualidades, conforme fator imprescindível à delimitação do sujeito na e da sociedade. Nesse plano, a memória é, segundo Éclea Bosi (2007), o meio pelo qual, o passado torna-se presente e o indivíduo elabora, para si próprio, a significação das coisas passadas.

Dentro desse eixo discursivo, a narrativa de *Os desvalidos*² é pensada na relação identidade/lembranças e memória/individualidade. A saber, essa relação estabelece uma estreita ligação entre um fato real e objetivo – marcado pela presença de um personagem histórico – e um fato fictício e subjetivo, em que um indivíduo é o depositário de toda uma herança de traumas, oriundos de uma situação desfavorecida.

Assim objetividade e subjetividade são os pilares dessa narrativa cujo eixo principal é a saga de *Virgulino Lampião*, um conhecido e temido cangaceiro que aterrorizou o interior do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX. Nesse cenário atípico, surge o personagem Coriolano, autêntica representação do outro, do oprimido. Coriolano é a figura sobre a qual recaem todos os infortúnios de uma vida órfã,ilhada entre o abuso de poder dos coronéis e a violência dos cangaceiros.

Dentro desse contexto, vale ressaltar, primeiramente, que o Brasil é formado por vários Brasis (cf. DAMATTA, 1991), uma vez que as diferenças culturais e sociais colocam-nos sempre diante de uma realidade múltipla. Também as diferenças socioeconômicas são fundamentais ao estabelecimento dessa metafórica cisão conferida à Pátria.

Na opinião do antropólogo, há vários “Brasis” dentro do próprio Brasil porque tanto a diversidade cultural quanto a distinção social entre ricos e pobres, poderosos e

desfavorecidos acontece de forma virulenta e colocam, cada vez mais, de lados distintos, as pessoas da sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, a narrativa de *Os desvalidos* está dentro do que se denomina literatura empenhada, isto é, compromissada ideologicamente na postura dos escritores e na posição dos críticos de torná-la válida (cf. Antonio Candido, 2000), uma verdadeira representação de um país múltiplo e de uma cultura rica. Nesse contexto de multiplicidade cultural e nas condições dessa narrativa construída por Francisco Dantas, é gritante a importância conferida ao “Rio das Paridas”, legítima configuração do interior sergipano, habitado por inúmeros Coriolanos:

Se no lastro deste Brasil tiver algum suplicante que puna pelos errados, ou algum padreco acoloiado com a laia do satanás, rumina Coriolano, na certa amanhã vai ter missa de mês pela alma condenada do fiando Lampião. Não porém aqui na biboca de Sergipe, onde uma redada de fazendeiros, ainda referestelada pela degola dos onze, vai matar junta de boicom um derrame de canadas de cachaça em meio a vivórios e dúzia de rojões — tudo isso por ter o Pai do Céu livrado as boas famílias e seus cabedais das garras do bandoleiro (OD, p. 80).

É nesse cenário de inúmeros desvalidos, no primeiro plano, palco da simplicidade sertaneja, no segundo plano, forma elaborada do cordel, que se desenrola a narrativa de Francisco Dantas. Sendo assim, observa-se primeiramente que o referido texto é dividido em três partes: “O Cordel de Coriolano”, “Jornada dos pares no Aribé”, “Emblemário da partida e da chegada”.

A primeira parte denominada “O Cordel de Coriolano”, bem como a divisão da obra em três partes, a sílaba métrica mais simples e muito usada pelos cordelistas e repentistas, são indícios culturais da configuração da cultura do interior sergipano em forma de cordel, conforme se pode observar nos trechos:

Vinte e sete de Senhora Santana deste ano de trinta e oito. Coriolano vem esperando esse dia há uma carrada de anos! E pode dizer mesmo, que nos

² Doravante, identificar-se-á a obra *Os desvalidos* pela sigla OD.

últimos dezoito meses, mais acabrunhado, a morte de Virgulino pelo tempo desejada, nunca lhe desertou sentido (*OD*, p.19).

Na verdade é um malvado satanás. Raspa osso de canela a ponta de punhal. Se me pegar de novo, vou ser frito e cozido. Pegue aí os folhetos de Ataíde, Chico Chagas Batista, e veja que Virgulino é muito mais perverso do que Antonio Silvino, embora aquele também não fosse flor que se cheire (*OD*, p. 176).

Ninguém em sã consciência negaria a esses textos uma proximidade com a literatura de cordel, quer seja na temática do cangaço, cuja figura principal é o lendário *Virgulino Lampião*, quer seja na expressiva sonoridade presente na própria narrativa, o que evidentemente é típico do próprio cordel.

Além disso, nessa configuração do cordel, observa-se o sertão de Sergipe conforme um palco ou um espaço estético-social, onde se desenrolam as ações do cotidiano: a herança de Coriolano, a inaptidão do mesmo para o comércio, a força de tio Filipe, a coragem e a generosidade de Maria Melona, além do próprio Lampião, cujas aparições, no desenrolar das ações da narrativa, lembram-nos tanto o Sexta-Feira³ de Daniel Defoe quanto um Hermógenes⁴ de Guimarães Rosa. No primeiro caso, a evidência da condição de Coriolano como um ser de cultura, que existe no diálogo com o outro. No segundo, a manifestação do imaginário social em que a figura do cangaceiro é a lembrança e a presença viva nas histórias contadas no interior do Brasil.

As aparições de Lampião na obra servem, principal e fundamentalmente, como pretexto para lembrar a Coriolano, a Filipe e, conseqüentemente, ao leitor suas ligações viscerais com a cultura popular, resgatada pela musicalidade do cordel, presente em *Os desvalidos*. Tudo isso materializa, pois, em símbolos linguísticos, o imaginário social do sertão, nas formas da história do cangaço e da imagem simbólica dos inúmeros desvalidos da própria terra sertaneja:

O que era que podia caber a ele, um filho de João Coculo, quando este mesmo fora um bezerro enjeitado, pelo próprio pai que negara um registro

³ Sexta-Feira é um personagem do romance *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe.

⁴ Hermógenes é um personagem de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

em cartório e o nome na pia de batismo, atirando-lhe à lama da bastardia? Acabrunhado e choquinho, já vim ao mundo foi marcado de nascença! Ainda meninote, lá se foi embora a mãe para um buraco da terra, deixando o filho caçula entregue aos caprichos desse pai, severo ressentido (OD, p. 25).

Toda essa condição sócio-humana de tradição, de cultura e de densidade psicológica – presente no sentimento de inferioridade que toma o protagonista da obra – consubstancia-se, paradoxalmente, nos dois lados da mesma moeda: o social e humano ultrajado.

O Coriolano representa os muitos indivíduos desvalidos de “O Rio das Paridas”, espaço principal onde se desenrolam as ações. Também representa o ser humano de todas as épocas, atormentado pela consciência da própria insignificância neste mundo controlado pelo dinheiro e pela força. Assim, cultura e indivíduos rechaçados pelo Governo e pelo cangaço misturam-se, fazendo-os experimentarem a dura e individual realidade do abandono.

A tônica do romance *Os desvalidos* é a presença da cultura popular do cangaço resgatada pela oralidade e pela musicalidade do cordel. Nesse aspecto, aparece a importância tanto das lembranças, do contar histórias, quanto da memória.

Na segunda parte do livro, denominada “Jornada dos pares do Aribé”, as lembranças tornam-se, de fato, testemunho vivo daqueles que presenciaram a passagem de Lampião por Sergipe. Daí as lembranças corresponderem ao que Éclea Bosi (2007) denomina percepção pura das coisas das coisas.

Nessa percepção via lembranças, há um resgate consciente da realidade objetiva, na qual se inserem os coronéis, os bandidos e o povo abandonado, esquecido do sertão sergipano. Assim, a presença do bando de Lampião, o medo sempre presente e a relação entre Coriolano e Tio Filipe – autêntico representante do pai, da ordem, da lei – adensam-se ao ponto de as lembranças tornarem-se também memória reflexiva:

Ah, meu Deus! Não há saída pra se safar desse apuro! Habilidade verdadeira, só tinha para os cavalos, e seu bom sentido só se esmerava

mesmo na guarda dos antigos metais de estimação, que estão metidos num caixão enfiado ali no canto do cercado de Coriolano, escondido de tudo quanto é ladrão. Atina e repassa, quão certa é foi a sua preocupação: de outro modo estaria liquidado, uma vez que os cabras agora lhe passariam a mão em tudo que possuía. (*OD*, p. 200)

O resgate dos fatos via memória acontece de forma mais completa, pois a própria memória constitui-se numa percepção concreta e complexa das coisas, que deixaram marcas subjetivas no indivíduo; em decorrência disso, conforme já foi mencionado, a memória possibilita que o passado torne-se presente e o indivíduo elabore, para si próprio, a significação das coisas passadas (cf. BOSI, 2007). É nesse ponto que o passado torna-se presente e o sujeito passa a viver um intenso desejo de memória.

O ato de rememorar é um atributo da memória espontânea (cf. DERRIDA, 2001), é uma necessidade psíquica de purificação, de morte aos fatos e às pessoas que, de alguma forma, causaram traumas ao indivíduo, deixando-lhe marcas, sintomas de uma existência malograda, perdida.

A saber, o processo rememorativo completa-se na terceira parte de *Os desvalidos*, denominada “Emblemário de partida e de chegada”. É como se houvesse, em Coriolano, uma mórbida consciência de memória, bem como uma aceitação da impossibilidade de mudar a própria vida, enfim, uma epifania da fragilidade humana:

Derrubado pela força do passado misturada ao crivo da mangação, não é que Coriolano agora deu para trocar o dia pelo a noite , como um ente desmamado no mundo, visagem das horas morta?! Vem a manhã, vira de tarde, e ele escorado na rede, de porta fechada, remoendo a vida com fuga, sem sustância para encaminhar um assunto positivo, numa leseira sem nervo, o juízo destornado. (*OD*, p. 214)

Coriolano é, portanto, em todas as etapas desse texto de ficção, o ser da imanência, ou seja, o indivíduo que aceita o seu destino, uma espécie de “vassalo da própria sorte”(OD, 221), assim como também o são os outros personagens da obra: Maria Melona, tio Filipe, Zerramo e os demais desvalidos presentes nesse discurso construído por Francisco Dantas.

Coriolano representa o ser da imanência, mas nunca o ser da transcendência, uma vez que está reduzido tão somente à ruína de sua ínfima existência (cf. HEIDEGGER, 2005), ou melhor, aquele que vive individualmente a pulsão, a necessidade, o desejo de memória (cf. DERRIDA, 2001), como se a mesma fosse um bálsamo às suas feridas, um analgésico às suas dores, ou até, um mal irremediável que o faz estar sempre voltando ao passado para revigorar a dor de existir.

Conforme se percebe, as lembranças da época em que Lampião passou por Sergipe e a condição sociocultural de existências sofridas é resgatada tanto pelas lembranças quanto pela memória, ao mesmo tempo em que constitui a identidade interiorana. Afinal, o fato concreto do testemunho, dos causos e principalmente das marcas deixadas nos inúmeros Coriolanos do interior sergipano, fazem dessa narrativa, construída por Francisco Dantas, um autêntico painel histórico, cultural e humano do próprio interior de Sergipe.

A relação identidade/lembranças e memória/individualidade completa-se na montagem desse painel e na figura de Coriolano: autêntica representação do sujeito interiorano, com seus causos, com sua orfandade social, enfim, legítima configuração do atormentado e solitário ser humano de todos os tempos.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 9 ed. vol 1 e 2. Belo Horizonte- Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 2000.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rocco. Rio de Janeiro, 1991.

BOSI, Éclea. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DANTAS, Francisco. **Os desvalidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HEIDEGGER, Martin. **Heidegger**. São Paulo: Nova Cultura, 2005.